

ARTE CONTEMPORÂNEA E O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS-BRINQUEDOS: UMA VIVÊNCIA COM OS (IN)UTENSÍLIOS DE HÉLIO LEITES NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Thalia Mendes Rocha¹

Regina Ridão Ribeiro de Paula²

João Paulo Baliscei³

RESUMO: Quais possibilidades podem ser proporcionadas ao aliar o ensino de Arte Contemporânea à utilização de recursos didáticos-brinquedos? Essas possibilidades podem favorecer o Ensino de Artes Visuais para que crianças brinquem com Arte Contemporânea? Nesta reflexão, temos como objetivo levantar possibilidades que possam potencializar o Ensino de Artes Visuais, e, para tanto, baseamo-nos em uma experiência vivenciada no Estágio Supervisionado, no terceiro ano de um curso de licenciatura em Artes Visuais. Nela, realizamos uma intervenção pedagógica que teve como referência as produções do artista paranaense e contemporâneo Hélio Leites. Os recursos didáticos-brinquedos que envolveram o Ensino de Arte Contemporânea foram desenvolvidos e explorados junto a um projeto que oferece educação social para crianças e adolescentes em contra turno escolar, em uma cidade paranaense. Levamos em conta os pressupostos teóricos e metodológicos dos Estudos da Cultura Visual e do Ensino de Arte Contemporânea. Como resultado, fizemos apontamentos a respeito dos processos de criação artística que orientaram a elaboração de oito recursos didáticos-brinquedos, e valorizamos a intencionalidade educativa que atravessa a ação docente. Além disso destacamos a potencialidade que a Arte Contemporânea oferece para o trabalho educativo com crianças, tendo em vista as técnicas, temas e peculiaridades dessas produções.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cultura Visual; Formação de professores; Imagem.

CONTEMPORARY ART AND THE USE OF TEACHING-TOOL RESOURCES-TOYS: AN EXPERIENCE WITH THE (IN) UTENSILS OF ARTIST HÉLIO LEITES IN TEACHING VISUAL ARTS

163

ABSTRACT: What possibilities can be provided by combining the teaching of Contemporary Art with the use of didactic-toy resources? Can these possibilities favor the Teaching of Visual Arts for children to play with Contemporary Art? In this reflection, we aim to raise possibilities that can enhance the Teaching of Visual Arts, and, for that, we are based on an experience lived in the Supervised Internship, in the third year of a degree course in Visual Arts. In it, we carried out a pedagogical intervention that had as reference the productions of Paraná and contemporary artist Hélio Leites. The didactic-toy resources that involved the Teaching of Contemporary Art were developed and explored in conjunction with a project that offers social education for children and adolescents during a school shift, in a city in Paraná. We take into account the theoretical and methodological assumptions of Visual Culture Studies and Contemporary Art Teaching. As a result, we made notes about the artistic creation processes that guided the elaboration of eight didactic-toy resources, and we value the educational intentionality that crosses the teaching action. In addition, we highlight the potential that Contemporary Art offers for educational work with children, considering the techniques, themes and peculiarities of these productions.

KEYWORDS: Education; Visual Culture; Teacher training; Image.

1 Graduada do quarto ano de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, participa do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI. É bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC intitulado "Tem Arte Contemporânea na escola contemporânea? Estudos da Cultura Visual e o Ensino de Arte na escola". E-mail: ra103257@uem.br

2 Graduada do quarto ano de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, participa do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, o ARTEI. Desenvolve um Projeto Iniciação Científica - PIC intitulado "Para que bebês brinquem com Arte: Processo Criativo e elaboração de Recursos Didáticos para o ensino de Arte na Educação Infantil". Temas afetos: Educação, Ensino de Arte; Estudos da Cultura Visual; infância. E-mail: ra100228@uem.br

3 Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. É professor no curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Maringá e coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI. Desenvolve pesquisas sobre Ensino de Arte; Estudos da Cultura Visual e Gênero e Masculinidades. E-mail: jpbaliscei@uem.br

INTRODUÇÃO

A ideia proposta neste artigo intercorreu do percurso entre discussões teóricas, processos criativos, práticas de Estágio Supervisionado e a participação no Grupo de Pesquisa em Arte Educação e Imagem o ARTEI - que propõe debates acerca de temas afetos à Arte, à educação e às imagens como um todo. Consideramos que a Arte Contemporânea aliada à criação e utilização daquilo que aqui nos referimos como recursos didáticos-brinquedos é importante para mediação do saber em todas as áreas da educação, principalmente no Ensino⁴ de Artes Visuais. Portanto, este artigo tem o objetivo de levantar possibilidades que possam potencializar o Ensino de Artes Visuais, e, para tanto, baseamos-nos em uma experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Artes Visuais II - uma disciplina do terceiro ano do curso de licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, em Maringá, na região noroeste do Paraná.

O exemplo de experiência de ensino envolvendo Arte Contemporânea e recursos didáticos-brinquedos que relatamos e analisamos neste artigo ocorreu no segundo semestre de 2019, em uma intervenção pedagógica realizada como parte constitutiva da avaliação da disciplina. No que tange ao termo recursos didáticos-brinquedos, trata-se de um conceito que temos definido e elaborado em outras pesquisas, como naquela de autoria de Regina Ridão Ribeiro de Paula e João Paulo Balisnei (2019), onde nos referimos aos artefatos criados por arte-educadores/as, pensados intencionalmente para a exploração de crianças em suas experiências de aprendizado juntamente com o brincar no Ensino de Artes Visuais. Cabe destacar que o artista uruguaio Joaquín Torres García (1874-1949), desde 1910, já produzia brinquedos com intencionalidade pedagógica, devido ao seu interesse e experiências para com a educação e a Arte. Segundo Maria Salete Borba e Rita Lenira de Freitas Bittencourt (2014, p.195) García tinha “[...] a necessidade de criar objetos/brinquedos que ultrapassem a simples experiência lúdico/pedagógica”.

As atividades de Estágio foram realizadas por duas arte-educadoras em formação, sendo uma delas também uma das autoras deste artigo, junto a um projeto social financiado por um grupo empresarial particular. O projeto em questão, refere-se a franquias de um

4 Neste artigo utilizamos a palavra “Ensino” com a primeira letra maiúscula quando nos referimos aos exercícios de educação relacionados especificamente à área das Artes Visuais. A palavra “ensino” com letra minúscula, por sua vez, refere-se à ação mais ampla de ensinar.

programa que teve início no sul do Brasil, no ano de 2002, com intenção de oferecer educação e assistência social para crianças e adolescentes. Este projeto franqueado se encontra em um espaço físico pensado exclusivamente para o programa nas dependências de uma empresa na cidade de Maringá⁵. Neste contexto educativo, nossas intervenções ocorreram em duas manhãs, de duas semanas consecutivas e, para além das duas estagiárias, envolveram o professor orientador do Estágio Supervisionado, uma professora e uma pedagoga do Projeto Social com uma turma de 22 crianças entre sete e dez anos.

Nesse sentido, ao longo do segundo semestre de 2019, nossas ações e reflexões nos impulsionaram à formulação de alguns questionamentos, tais como: Quais possibilidades podem ser proporcionadas ao aliar o Ensino de Arte Contemporânea à utilização de recursos didáticos-brinquedos? Essas possibilidades podem favorecer o Ensino de Artes Visuais para que crianças brinquem com Arte Contemporânea? Para responder estes questionamentos e alcançar o objetivo ao qual nos lançamos neste artigo, utilizamos os Estudos da Cultura Visual (ECV). Por Estudos da Cultura Visual, Fernando Hernández (2007) se refere ao campo de estudo que reconhece as imagens presentes nas mídias, na Arte e na vida cotidiana, como formas de visualidades capazes de padronizar e de ampliar os pensamentos culturais, políticos e históricos dos sujeitos.

Os ECV caminham próximos aos Estudos Culturais, sendo este último um campo de investigação que, segundo Luciana Borre Nunes (2010, p.19) “[...] surgiram em meados do século XX, período do pós-guerra, nos países britânicos, principalmente na Inglaterra, com posterior expansão nos EUA, Austrália e Canadá”. Essa área de investigação, segundo Hernández (2007), reflete, ressignifica e dá visibilidade para a produção cultural de grupos sociais tidos como marginalizados. Os ECV se importam, assim, com as práticas relacionadas às formas que os sujeitos veem as representações culturais e problematizam a naturalização da centralidade de culturas dominantes. Desta forma, consideramos, desde o início de nosso planejamento pedagógico, que os ECV poderiam auxiliar no trabalho com Arte Contemporânea em espaços de ensino, já que, como explica Susana Rangel Vieira da

⁵ Foi inaugurado no ano de 2009 com atendimento vespertino, e a partir do ano de 2015, passou a oferecer atendimento em dois períodos, chegando a acolher, ao mesmo tempo, oitenta e quatro crianças e adolescentes.

Cunha (2017), essa especificidade das Artes Visuais é pouco explorada pelos/as docentes em suas intervenções na Educação Básica e em outros espaços em que o Ensino de Artes Visuais é contemplado.

Consideramos assim como Maristani Polidori Zamperetti e Fabiana Lopes Bazili (2013, p.99) que “[...] a cultura visual na educação das Artes Visuais se torna necessária, pois o professor será mediador na decodificação de signos e símbolos presentes nas imagens contemporâneas vivenciadas pelo aluno todos os dias”. Muitas vezes, o/a aluno/a “naturaliza” a sua relação com as imagens do cotidiano sem perceber a influência que estas exercem em suas escolhas, gostos e opiniões. Destacamos, nesse caso, que as imagens não são neutras e que são produtoras de significados.

Como metodologia, o presente artigo se caracteriza como uma pesquisa documental de cunho qualitativo, pois abrange as especificidades conferidas a essa modalidade, conforme pontua Antônio Carlos Gil (2002). Segundo o autor uma pesquisa documental pode contar com fontes diversas sendo estas, de cunho público ou particular. Nesse sentido, este artigo se debruça tanto sobre materiais de pesquisa já impressos considerados de cunho bibliográfico, como também sobre documentos que não tinham especificamente um tratamento analítico, como as fotografias e os relatos de experiência que integraram nossas atividades de Estágio Supervisionado.

A intencionalidade educativa na criação e exploração dos recursos didáticos-brinquedos aliados à Arte Contemporânea demonstra que, como evidencia Cunha (2017) “qualquer material é material”. Sobre isso, a autora argumenta que o material

[...] pode ser reaproveitado sempre e de forma inusitada. No entanto, as escolas continuam fornecendo listas de materiais tradicionais, às vezes de alto custo para as instituições familiares e de pouco interesse e rendimento expressivo para as crianças. Ao elaborarmos as propostas de arte para as crianças, é importante pensarmos: **a arte ultrapassou a tela branca, as folhas de papel, a forma retangular, abrindo-se várias possibilidades do uso de materiais e espaços** (CUNHA, 2017, p. 21 - grifos nossos).

Como destacamos acima, a Arte Contemporânea, de modo geral, apresenta rompimentos com a utilização dos materiais tidos como “comuns” e “convencionais” à Arte em suas concepções clássicas e modernas. Dessa forma, para a criação de recursos didáticos-brinquedos, exploramos diversas materialidades dando preferência para aquelas

que, possivelmente, seriam descartadas. Em nossa intervenção no Estágio Supervisionado também demos prioridade à visibilidade de um artista que “fugisse” ao pensamento óbvio que, muitas vezes, associa à Arte a um outro contexto geográfico (sobretudo, a Europa), histórico (sobretudo, o passado) e estético (sobretudo, pautado em composições realistas e harmoniosas). Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo Caravaggio (1571-1610) e Michelangelo Buonarroti (1475-1564), por exemplo, são alguns dos/das artistas que correspondem a esse ideal clássico acadêmico, pautado na representação, no uso fidedigno das cores, na perspectiva, e em temas religiosos e/ou mitológicos.

Escolhemos, portanto, elaborar recursos didáticos-brinquedos a partir das obras e história(s) do artista contemporâneo e paranaense José Hélio Silva Leite (1951--). Para especificar aspectos da vida e obras do artista, utilizamos como referencial teórico os estudos de Rita de Cássia Baduy Pires (2010), Geceoní Fátima Cantéli Jochelavicius (2015) e Bruno Arnold Pesch (2016). Conhecido popularmente como Hélio Leites, esse artista nasceu na cidade de Lapa em 1951, e reside atualmente na cidade de Curitiba, onde expõe suas obras na Feira do Largo da Ordem⁶. Formado inicialmente em economia, o artista atuou por 25 anos como bancário. Sobre isso, Hélio Leites diz, em entrevista com Pesch (2016, p. 110), que “[...] o pior desemprego do mundo é trabalhar com o que a gente não gosta”. A fala do artista pode ser relacionada com o fato de ter, depois de 25 anos trabalhando como bancário, abandonado sua profissão para fazer aquilo que gosta: Arte. E assim, o artista vem seguindo a mais de 28 anos; vendendo suas obras na Feira do Largo da Ordem; e em meio a esse percurso, segundo Jochelavicius (2015, p. 26), Hélio Leites também adquiriu formação universitária no ano de 2010, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP.

No que diz respeito à estrutura deste artigo, organizamos as discussões a partir de três tópicos para além desta introdução. No primeiro deles, reunimos estudos bibliográficos para contextualizar, por meio dos Estudos da Cultura Visual, o Ensino de Arte Contemporânea em espaços educativos. No segundo tópico, destacamos aspectos da vida e obra de Hélio Leites que nos impulsionaram na criação dos recursos didáticos-

⁶ Evento tradicional de Curitiba, que segundo Roesler (2008) acontece aos domingos com início às 9h e término às 14h.

brinquedos. Por fim, no terceiro tópico, antes de apresentar nossas considerações finais, levantamos nossas impressões, enquanto arte-educadoras/es, junto ao relato de nossas vivências com oito recursos didáticos-brinquedos no Estágio Supervisionado.

ARTE CONTEMPORÂNEA E RECURSOS DIDÁTICOS-BRINQUEDO

Para a compreensão das práticas artísticas contemporâneas com crianças no âmbito educacional, mais especificamente com aquelas cujas idades correspondem aos anos iniciais do Ensino Fundamental, faz-se necessário, primeiro, debruçarmo-nos sobre documentos nacionais que oferecem diretrizes para a Arte enquanto componente curricular. Para isso, recorreremos à Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Trata-se de um documento de caráter normativo, o qual busca promover a equidade na educação, de modo que possa garantir aos/às alunos/as de todo o país o mesmo acesso aos conteúdos tidos como “aprendizagens essenciais”, ou seja, aos conteúdos que todas as crianças e jovens precisam desenvolver durante a Educação Básica.

Dessa forma, a BNCC (BRASIL, 2018) apresenta o Ensino de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) como sendo um componente curricular composto por quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Para cada uma dessas linguagens, destacam-se: a) Objetos de Conhecimento; b) Habilidades específicas e; c) Competências específicas. Além do mais, a BNCC (BRASIL, 2018) apresenta seis dimensões do conhecimento sendo elas: criação; crítica; estesia; expressão; fruição; reflexão. A BNCC (BRASIL, 2018, p.196) ainda orienta os/as docentes para que os/as alunos/as do Ensino Fundamental tenham contato com “[...] manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas”, como, exposições, *performances*, intervenções e *saraus*.

Ainda que a BNCC (BRASIL, 2018) aponte que crianças devam conhecer e pesquisar também sobre as manifestações artísticas que lhes são contemporâneas, as práticas de Ensino de Arte no Ensino Fundamental parecem-nos ser orientadas majoritariamente por pensamentos ou métodos pautados em vertentes da Arte Clássica e Arte Moderna, como indicam pesquisas que tematizam essa questão (CUNHA, 2017; LOPONTE, 2008; BORGES,

2019). Essas vertentes valorizam gestos de reverência, distanciamento e preservação em relação aquilo que é visto. Deste modo, o que está em destaque nesses estilos artísticos são os valores estéticos como, por exemplo, a imitação da natureza, o uso da perspectiva, pinturas que retratavam paisagens, o ser humano, a arquitetura, a necessidade de um enquadramento específico, harmonia nas composições e estudos de luz e sombra. Além disso, valorizam técnicas e materiais específicos como, a tinta a óleo, têmpera, a utilização de pigmentos como a aquarela, telas como suporte, bem como cavaletes para sustentá-las.

Lucia Santaella (2012) compartilha dessa discussão quando evidencia que a ideia que se costumam ter de Arte, no senso comum e também nos espaços escolares, decorre do Renascimento - período que se iniciou em meados do século XIV e teve destaque até o final do século XVI. Trata-se de um estilo artístico inspirado nos valores religiosos e de valorização do ser humano, voltado para à “[...] imitação da natureza com o auxílio da racionalidade e da matemática” (SANTAELLA, 2012, p. 24). Ainda segundo a autora, a Arte só se tornou portátil a partir do momento que não mais dependia exclusivamente da religião e, só assim, passou a circular em museus e galerias e a ser documentada por outras instituições para além das religiosas. Em decorrência dessas alterações, outras concepções e modelos passaram a vigorar dentro do campo artístico. Sendo assim, para Santaella (2012), a partir do período artístico denominado Modernismo, que ocorreu na primeira metade do século XX com o surgimento dos movimentos de Vanguardas Artísticas⁷, outros padrões e estilos artísticos passaram a vigorar, decorrentes dos segmentos estéticos que cada movimento adotava. As cores como potência da forma, no Fauvismo (1905, França); as formas geométricas e uma nova construção da realidade, no Cubismo (1907, França); e a liberação do inconsciente, no Surrealismo (1924, França) são exemplos de que, ainda que reclamassem por novas estéticas e métodos artísticos, as produções relacionadas aos movimentos Modernos, conhecidos pelo sufixo “ismo”, mantiveram algumas características em comum.

⁷ Conjunto de movimentos com origem na Europa no século XX que marcaram a ruptura com estéticas anteriores. Vanguarda, do termo francês *avante-garde*, significa “marcha na frente”, ou seja, a criação de novos caminhos artísticos. (SANTOS; SOUZA, 2007).

Como destaca Michael Archer (2012), a década 1960 atuou como marco a partir do qual aconteceram mudanças no sistema de classificação da Arte. Santaella (2012), semelhantemente, explica que os movimentos que ocorreram no final da década de 1950 até meados dos anos 1970 contribuíram para o surgimento de tendências artísticas que, diferente daqueles das Vanguardas Modernas, não apresentaram mais indícios nítidos e determinados por agrupamento/estilo, ou seja, passaram a caminhar “livremente”. Deste modo, essas tendências contribuíram para aquilo que hoje se denomina como Arte Contemporânea, a qual, conforme explica Santaella (2012, p. 28) tem como característica o hibridismo:

O que se pode diagnosticar nessa proliferação de tendências é que o espectro das produções artísticas foi se ampliando em uma variedade de estilos, formas e práticas para culminar em uma diversidade e hibridismo que passaram, crescentemente, a caracterizar as produções artísticas na contemporaneidade.

Dessa forma, se considerarmos o hibridismo de técnicas e o não compromisso com a representação figurativa característicos da Arte Contemporânea, podemos supor que ela pode ser aproximada das maneiras pelas quais as crianças interagem plástica e expressivamente. Semelhante às crianças, a Arte Contemporânea, de maneira geral, apresenta uma postura exploratória, criatividade no uso de instrumentos, e suportes que podem vir de lugares inesperados. Apresenta ainda ações e técnicas acessíveis às crianças como, o amassar, o riscar, as movimentações corporais variadas, dentre outros, como é possível observar, por exemplo nas produções dos/as artistas brasileiros contemporâneos/as, Célia Bona (1979--), Panmela Castro (191--) e Cildo Meireles (1981--) que exploram o uso tanto de suportes como de materiais variados em suas produções.

Em outra pesquisa nossa, de autoria de Thalia Mendes Rocha, sob orientação de João Paulo Baliscai (2020), verificamos que as estéticas e as técnicas envolvidas na Arte Contemporânea, coincidem, muitas vezes, com as habilidades que as crianças são capazes de desempenhar e que elas podem reproduzir e experimentar com certa facilidade. Nessa pesquisa em questão, levantamos quatro argumentações para se trabalhar com Arte Contemporânea na Educação Infantil.

a) a Arte Contemporânea contempla ações e técnicas acessíveis às crianças da Educação Infantil, tais como o amassar, o riscar, o rascar, o mover (-se); b) a Arte Contemporânea, muitas vezes, requer do público uma postura exploratória; c) tanto a Arte Contemporânea quanto as crianças se aproximam em termos de múltiplas linguagens e do hibridismo; d) e a Arte Contemporânea evoca a criatividade na seleção e uso de instrumentos e suportes não convencionais (ROCHA, 2020, p.43-44).

Reforçamos nossas suposições a partir dos estudos de Camila Bettim Borges (2017, p.69) que ressalta que “[...] tanto a arte contemporânea quanto as crianças aproximam-se em termos do uso de múltiplas linguagens, ímpares e criativas, que se constituem de matérias do acaso, de experiências e lembranças, de tempos-espacos próprios”. Semelhantemente, Cris Olivieri e Edson Natele (2018, p.80), evidenciam que “[...] a arte é uma forma de romper a normalidade e promover investigações e invenções que tornam a aprendizagem mais profunda e, ao mesmo tempo, libertadora”.

A respeito das características destacadas acima, salientamos também as possibilidades que a Arte Contemporânea confere à elaboração daquilo que denominamos como recursos didáticos-brinquedos, tendo em vista as possibilidades que oferece em relação ao toque, ao manuseio, à aproximação e ao brincar, propriamente dito. Sentimo-nos motivados por Luciana Gruppelli Loponte (2008, p.118) quando afirma que a “[...] arte é feita de possibilidade, de invenção, de criação, de ruptura, do imprevisível, do inesperado. A infância, também, é puro acontecimento”. Para potencializar a invenção, as rupturas, o imprevisível, dentre tantas possibilidades pontuadas por Loponte (2008) de modo a enfatizar essa “infância de acontecimentos”, nossos recursos didáticos-brinquedos envolveram a ação de imitar que se fez presente em nossas intervenções.

A ideia de imitação, nesse caso, aproxima-se do conceito que Edith Derdyk (1994, p.110) confere à essa prática, a qual, conforme a autora, “[...] não implica necessariamente a ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitam interesse”. Como destaca Derdyk (1994) é necessário que a criança tenha referências externas sólidas para adquirir noções sobre os objetos e sobre si mesma.

De forma semelhante, a BNCC (BRASIL, 2018) afirma que a aprendizagem dos sujeitos infantis não se trata de um processo espontâneo e natural, mas que, ao contrário, depende da intencionalidade educativa pensada e executada por profissionais que, assim

como os/as professores/as, estão envolvidos/as no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças. Sobre isso, Cunha (2017) ressalta, que nem todos os indivíduos têm a possibilidade de desenvolver “espontaneamente” suas dimensões criativas e transformativas, mesmos sendo elas o que nos faz diferentes de outras espécies. Para a autora, o pensamento de que “[...] as crianças pequenas são potencialmente criativas induz à formulação de propostas pedagógicas com poucos desafios. Crianças, assim como adultos, precisam ser aguçadas, desafiadas, para serem ainda mais criativas” (CUNHA, 2017, p.16).

Para a produção dos recursos didáticos-brinquedos que utilizamos em nossa intervenção no Estágio Supervisionado, consideramos algumas proposições dos Estudos da Cultura Visual indicadas por Hernández (2007). O autor sugere aos/às arte-educadores/as que valorizem ações educativas pensadas para indivíduos “[...] em transição, que construam e participem de experiências vivenciadas de aprendizagem, pelas quais aprendem a resolver questões que possam dar sentido ao mundo em que vivem, de suas relações com os outros e consigo mesmo” (HERNÁNDEZ, 2007, p.15). Nesse sentido, a Arte Contemporânea pode se tornar uma das principais referências para a elaboração de propostas pedagógicas para o Ensino de Artes Visuais para crianças. Sentimo-nos, novamente, inspirados pelo pensamento de Cunha (2017, p.26) para quem o Ensino de Artes Visuais precisa propiciar a oportunidade “[...] de as crianças expressarem o mundo de forma crítica, sensível, buscando suas próprias respostas sobre a vida por meio de produções artísticas singulares e contemporâneas. Às crianças a arte do seu próprio tempo!”.

Em um exercício de levantar as nossas impressões pessoais enquanto arte-educadores/as em formação, para evidenciar essa busca presente na inferência de Cunha (2017), seguimos, no próximo tópico, com o relato de uma de nossas vivências no Estágio Supervisionado. Essas mediações envolveram interações com recursos didáticos-brinquedos criados a partir de um artista contemporâneo a partir do qual, possibilitamos às crianças um encontro com uma Arte de seu tempo.

HÉLIO LEITES: UM ARTISTA COLECIONADOR DE (IN)UTENSÍLIOS

Os recursos didáticos-brinquedos, nessa experiência com o Estágio Supervisionado, como já adiantamos, foram desenvolvidos a partir dos materiais e das visualidades presentes nas obras do artista contemporâneo Hélio Leites. Uma característica importante das obras de Hélio é que ele produz miniaturas. O artista, quando se refere a essa característica de suas obras, em tom de humor, diz ter aplicado economia à Arte - o que resultou em miniaturas. Conforme Pires (2010, p.37), as miniaturas de Hélio Leites são marcadas por significados, a partir dos quais ele fora chamado pelo poeta paranaense Paulo Leminski (1944-1989) de “significador de insignificâncias”. E é justamente a partir desse viés de significâncias e subjetividades que a mediação relatada neste artigo foi traçada e elaborada, tendo o intuito, desde o início, de conduzir os/as alunos/as a pensarem(-se) através das obras do artista.

Para exemplificar a multiplicidade de materiais e significados presentes nas obras de Hélio Leites, na sequência, apresentamos duas de suas produções as quais, inclusive, foram utilizadas por nós na elaboração dos recursos didáticos-brinquedos. Na primeira produção (Figura 1) denominada “profeta” *Presépio engraxadinho* (s/d), Hélio Leites reutilizou uma caixa de engraxate, com aberturas inusitadas. A parte interna fora pintada com a cor azul, e trabalhada com desenhos de nuvens, pássaros e bolinhas.

173

Figura 1 – “profeta” *Presépio engraxadinho* (s/d)



Fonte: disponível em: <<http://www.dcoracao.com/2011/11/cafe-com-helio-leites.html>> acesso em 15/10/2019

Dentro, encontramos uma espécie de presépio com objetos em miniaturas, sendo esses, ovelhas, coelho e um grupo de pessoas reunidas próximo a um bebê deitado em uma espécie de manjedoura. Em uma das aberturas superiores encontra-se uma figura representando um anjo. Na parte externa, observamos ainda pássaros e palavras em branco, que escrevem, com poesia, a seguinte frase: “presépio engraxadinho, Deus não escolhe lugar para nascer, quanto mais pobre é o templo, mais nobre é o exemplo”.

Outra produção de Hélio Leites pode ser observada na (Figura 2). Em “O restaurador de sonhos” (2010) o artista utilizou uma espécie de porta joias em formato de penteadeira com gavetas. O objeto fora pintado com cores bege, vermelha e azul na parte interna e externa. Dentro de uma gaveta, há um ninho com ovo. Apresenta, ainda, objetos em miniaturas semelhantes àqueles identificados na Figura 1. São esses objetos: pessoa, martelo, tábuas e pregos. A parte externa fora composta a partir de imagens de nuvens, pássaros e palavras em branco - características comuns às obra do artista. No caso da Figura 2, as palavras configuram a seguinte frase: “O restaurador de sonhos/ Quando o vento destelha sua casa/ Acaba desteliando sua vida/ Reconstruir o ninho/ é o ponto de partida”.

Figura 2 – O restaurador de sonhos (2010)



Fonte: Pesch (2016, p. 79)

No que diz respeito à intervenção que realizamos no Estágio Supervisionado, apresentamos Hélio Leites às crianças de uma forma que contribuiu para que elas se sentissem mais próximas dele, intentando lhes proporcionar certa familiaridade com os aspectos da vida e obras do artista. Os recursos didáticos-brinquedos elaborados por nós,

foram, neste caso, carinhosamente denominados de “(in)utensílios para mediação”, tendo em vista as características das produções do artista bem como a palavra “(in)utensílios”⁸, por ser ela bastante utilizada por Hélio Leites ao explicar as suas obras.

“(IN)UTENSÍLIOS PARA MEDIAÇÃO”: CRIANÇAS BRINCANDO COM ARTE

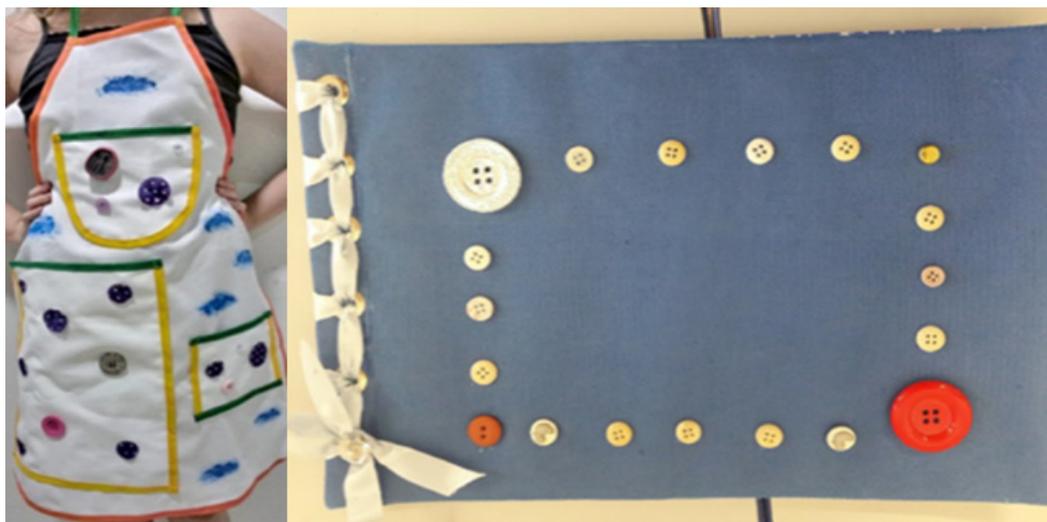
Para evidenciar os detalhes das obras de Hélio Leites como parte compositiva dos recursos didáticos-brinquedos, utilizamos sacos de lixo pretos, onde foram reunidos todos os “(in)utensílios para a mediação”. Esse artefato foi adotado para explicar às crianças que o que é tratado como “lixo”, socialmente, ainda pode ser transformado e ressignificado a partir da Arte. Quando adentramos à sala de aula carregando os sacos, percebemos que a visualidade intrínseca ao material causou certo estranhamento às crianças. Ao mesmo tempo que o acharam estranho por ter relação com o “lixo”, também se mostraram empolgadas e surpresas conforme retirávamos os “(in)utensílios para a mediação”, individualmente.

Neste artigo demos ênfase especificamente a oito destes recursos didáticos-brinquedos. O primeiro deles são as **obras interativas** elaboradas a partir das obras dispostas nas Figuras 1 e 2. Representações dessas obras foram impressas em folhas de papéis, tamanho A3, que, posteriormente foram coladas em um suporte firme e plastificadas, para que as crianças pudessem manuseá-las e interagir com elas. Consideramos que as obras interativas são diferentes das reproduções de obras que comumente são apresentadas em livros didáticos – pequenas, bidimensionais e fixadas ao livro. Sob essa configuração, as imagens apresentadas em livros didáticos condicionam à percepção das crianças e, de certa forma, limitam a interação.

Um segundo recurso didático-brinquedo utilizado por nós foi o **avental do artista** (Figura 3). Nele foram desenhadas nuvens e adicionados botões – imagem e objeto característicos da produção de Hélio Leites. Vestidas com esse “avental do artista”, durante as intervenções, retiramos de dentro de seus bolsos objetos que simbolizam outros detalhes da vida do artista: o primeiro deles foi o álbum fotográfico com registros que representam a vida do artista. Percebe-se, na Figura 3, como a estética desses dois recursos didáticos-brinquedos foram pensadas estrategicamente a partir da produção artística de Hélio Leites.

⁸ “Inutensílio” é um conceito proposto pelo poeta curitibano Paulo Leminski (2011) aos produtos de criação artística.

Figura 3 – Avental do artista e Álbum fotográfico do Artista



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

O avental do artista se assemelha aos coletes utilizados por Hélio Leites, nos quais o artista “prega” botões - cada um com significado e história diferentes. Em 1984, Hélio fundou o que denomina como Museu Casa do Botão, que não se trata de um museu comum, convencional, instalado em uma construção, mas sim de um colete, vestido por ele. Sobre isso, Pires (2010, p.53) explica que no Museu Casa do Botão “[...] estão pregados botões de verdade ou objetos diversos que são designados como um botão com função específica, cada qual com seu significado”. Por vezes, inclusive, como explica a autora, o artista se refere aos seus botões: o “botão apontador”, por exemplo, é aquele que, segundo ele, é para quem está desapontado. Alguns outros exemplos dos botões colecionados por Hélio são: “botão fusível” - para quem está desligado; “botão espelho” - pra quem não se enxerga; e “botão chave” - botão que abre portas.

Por sua vez, o álbum fotográfico do artista (Figura 3) fora produzido intencionalmente para representar aspectos da vida e obra desse artista contemporâneo. Em seus aspectos compositivos, desde sua capa (que foi feita com tecidos e botões reaproveitados), até suas fotografias (selecionadas para representar momentos específicos), esse recurso didático-brinquedo detém intencionalidades discutidas por nós. A partir das fotos que integram esse álbum, compartilhamos com as crianças detalhes da vida do artista, como por exemplo, o fato, de na infância, Hélio não gostar de seu cabelo. Hoje, porém, o artista usa seu cabelo para contar histórias e também como assinatura de suas obras. Afirma que ao deixar um

fio de cabelo em sua composição, ninguém poderá falsificá-la porque ela é produzida com o seu próprio DNA, literalmente. Em entrevista com Pesch (2016, p. 120), Hélio Leites ao ser questionado se todas as suas peças acompanham um fio de cabelo branco, respondeu “Todas. Claro meu filho. Se você tivesse um cabelo que nem esse aqui você não ia vender?”. O álbum possui, ainda, uma foto do artista com avental Museu Casa de Botão; outra junto a sua amiga, a artista mineira Efigênia Rolim (1931--); fotos de seu *ateliê* em sua casa; e uma mais recente, mostrando Hélio com uma árvore de ipê no fundo.

Uma das fotos do álbum apresenta Hélio Leites com diferentes óculos (Figura 4). Tendo ela como referência, decidimos criar os **óculos do passado, presente e futuro** (Figura 4) para debater com as crianças, em nossas intervenções de Estágio Supervisionado, sobre como elas (se) percebiam (n)esses períodos da vida. Os óculos do passado têm as lentes opacas, são tampados. Colocando-os ao rosto, as crianças não podiam ver nada - em analogia a nossa percepção de que, passear pelo passado é fazer um exercício de se lembrar das coisas que se foram, visitar lugares que estão em nossas memórias e lembranças. Os óculos do passado eram acompanhados de uma tiara feita de filme fotográfico - recorrendo ao pensamento lúdico e conhecido no senso comum de que quando olhamos para o passado se passa um “filme” em nossas cabeças. Os óculos do presente, por sua vez, foram envolvidos em um papel de embrulho, pois, consideramos o “hoje” um presente. Esses óculos foram estruturados em tamanho grande e sem lentes, para que nada fosse capaz de impedir o aproveitamento de cada momento do dia. Por fim, os óculos do futuro, confeccionados a partir de um fio amarelo e maleável, que assumiu distintas e inúmeras formas - em analogia ao futuro, que, como explicamos às crianças, pode ser modificado diante de atitudes e escolhas no presente. Na Figura 4 reunimos esses três óculos.

Figura 4 – Respectivamente, óculos do “passado – presente – futuro” e Hélio Leites



Fonte: Respectivamente, arquivo Pessoal (2019) e imagem localizada no link <<https://www.youtube.com/watch?v=htncHeBVaV0>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

Esses quatro recursos didáticos-brinquedos, (in)utensílios para mediação, nos auxiliaram na realização do fazer artístico que envolveu a principal atividade que propomos às crianças durante as intervenções do Estágio Supervisionado. Como referência para essa atividade, os/as alunos/as tiveram acesso não só a reproduções das obras de Hélio Leites, mas, também, a uma produção de autoria das estagiárias, a **caixa (escola) dos sonhos** (Figura 5).

Figura 5 – Caixa (escola) dos sonhos



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

A caixa (escola) dos sonhos, que representa uma escola idealizada por nós, foi composta com elementos e cores característicos da obra de Hélio Leites, como as nuvens e o azul, e acrescida de representações que dizem respeito aos nossos desejos pessoais para o futuro - tais como instrumentos musicais, tapete interativo, cavaletes e telas de pintura. Tendo apresentado nossa produção, convidamos os/as alunos/as a construírem, a partir de uma caixa de papelão previamente pintada de azul, aquilo que denominamos de **caixa dos sonhos** (Figura 6), uma composição com visualidades em miniaturas, semelhante à estética das obras de Hélio Leites.

Figura 6 – (In)utensílio para elaboração da caixa dos sonhos



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Para darmos início a produção da caixa dos sonhos, entregamos, para as crianças, caixas individuais, previamente preparadas por nós. As 22 caixas foram pintadas com um tom de azul semelhante ao utilizado por Hélio Leites e modificadas com recortes - o que possibilitou às crianças abrirem e fecharem as facetas, além de interagirem com o interior e exterior do objeto. Os recortes e aberturas semelhantes aos da obra do artista também fizeram referência ao tempo subjetivo que cada indivíduo carrega dentro de si. Estes recursos didáticos-brinquedos foram criados considerando as características das obras produzidas por Hélio Leites, que são em sua maioria compostas por combinações de materiais considerados “excedentes” no cotidiano, descartados pela população, como

destacado nas obras já mencionadas e em outras em que ele faz uso de latas de atum/sardinha, caixinhas de fósforo, eletrodomésticos, sapatos, palitos de dente, botões, linhas, tecidos, lápis e carretéis.

Quando entregamos as caixas às crianças, percebemos o entusiasmo com os artefatos, e primeiro deixamos que elas explorassem as potencialidades deste material. Depois, nossa orientação foi a de que desenhassem nuvens na parte interior das caixas, utilizando algodão molhado em tinta branca. A nuvem enquanto elemento gráfico-visual não só foi relacionada às produções de Leites, mas também à ideia de sonho, impulsionando as crianças a pensarem naquilo que elas queriam para o (seu) futuro. Diante disso, as crianças foram questionadas por nós: “O que você precisa deixar no passado que pode impedir a realização do sonho?”; “O que você pode fazer hoje para que seu sonho aconteça?”; “Qual o sonho que você tem para o futuro?” Esse momento de diálogo com os/as alunos/as nos remeteu ao pensamento de Cunha (1999, p.14) de que os questionamentos em sala de aula nos levam a “[...] tantas outras perguntas e respostas” e serviu como disparador para as produções e registros que envolviam as caixas dos sonhos.

As respostas de algumas das crianças foram anotadas no quadro, para que elas copiassem em suas **cadernetas dos sonhos** – outro recurso didático-brinquedo que foi previamente elaborado por nós (Figura 7), e que atuou como uma espécie de diário de bordo a partir do qual as crianças começaram a compor visualmente suas produções.

180

Figura 7 – Cadernetas dos sonhos para capturar palavras



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Para que as crianças refletissem e se envolvessem no exercício de pensar sobre as visualidades trabalhadas em sala de aula, nós também confeccionamos e distribuímos para elas aquilo que denominamos como **saquinhos de (in)utensílios** feitos de tecido (Figura 8). Como tarefa de casa, recomendamos que, semelhante ao que faz Hélio Leites, capturassem seus próprios (in)utensílios, guardando-os em seus saquinhos de (in)utensílios e que os trouxessem para a próxima aula (que aconteceria dali a uma semana). Assim, esse recurso didático-brinquedo atribuiu valor pessoal e lúdico aos seus (in)utensílios e operou como mecanismo para incentivar às crianças a procurar e guardar seus próprios materiais.

Figura 8 – Saquinhos de (in)utensílios



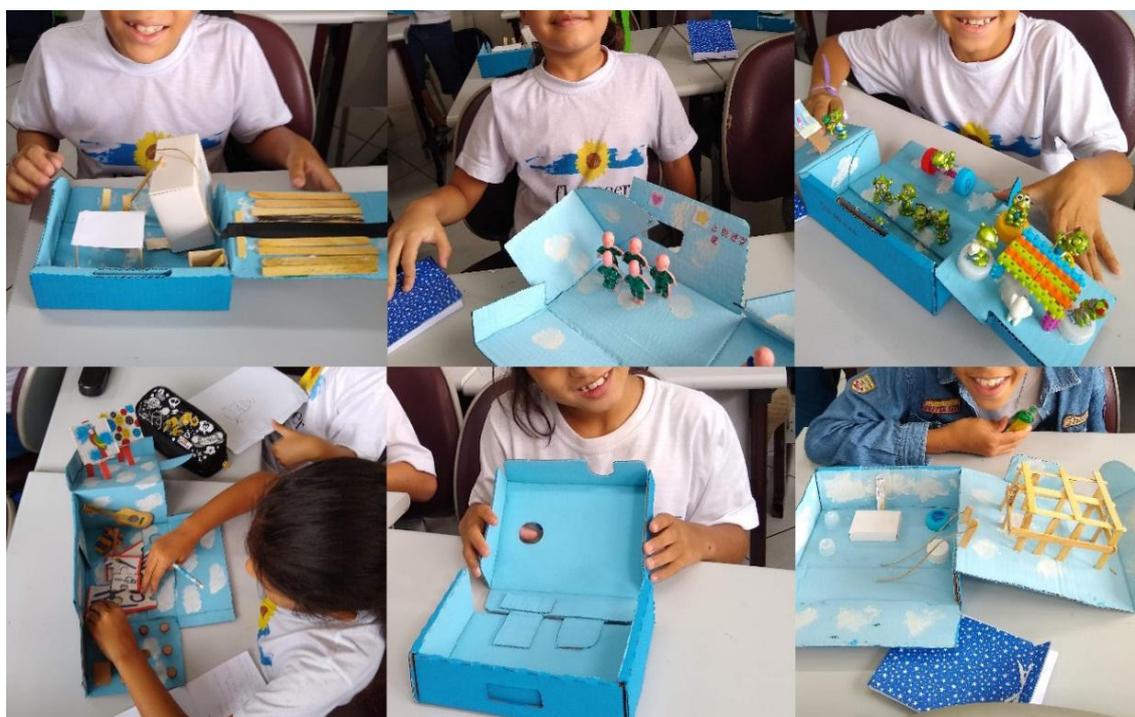
Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Com esses recursos didáticos-brinquedos intentamos enfatizar as particularidades da vida pessoal do artista que, conforme revela Pires (2010), por recomendação de sua mãe, guardava as coisas úteis (porém descartadas por outras pessoas) que ele encontrava para reaproveitamento posterior. Essas experiências podem explicar, de certa forma, o fato de o artista buscar transformar o inútil em utensílios úteis, nomeando-os com o termo “(in) utensílio”.

Tendo passado uma semana da tarefa, quando retornamos ao projeto social, percebemos que as crianças se dedicaram na “captura” de seus próprios (in)utensílios: reuniram não só objetos comuns ao cotidiano, como outros, inusitados. Cascas de ovos,

tampinhas de garrafa, papelão, pedaços de papéis, palitos de sorvete/dente/churrasco e fósforos, cascas de lápis apontado, papéis de bala, brinquedos industrializados entre outros, representam alguns dos (in)utensílios trazidos pelas crianças. Com esses materiais em mãos, orientamos as crianças na elaboração de suas caixas dos sonhos, pensando, coletivamente, em maneiras de colar, fixar, encaixar e combinar os (in)utensílios trazidos nos suportes previamente preparados. Ao final, os resultados foram múltiplos como evidenciamos em alguns exemplos na Figura 9.

Figura 9 – Caixa dos sonhos dos/as alunos/as



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Por fim, a intervenção pedagógica descrita neste artigo culminou, ainda, em uma exposição dos trabalhos realizados pelas crianças, que ocorreu em um dos espaços expositivos públicos da cidade, o teatro Calil Haddad. Vale destacar que a exposição também integrou as atividades de Estágio Supervisionado e que contou com as produções realizadas por outros/as estagiários/as, com outras crianças do mesmo projeto social. A exposição exigiu, de nossa parte, outras habilidades que também constituem a identidade docente, tais como: pensar em uma possível curadoria, relacionando àquilo que seria exposto a partir de um tema; elaborar um prospecto, com textos que apresentassem cada intervenção; criar

uma estética específica para o espaço físico; mediar a exposição e interagir com os/as visitantes. Na Figura 10 reunimos alguns registros que indicam essas atividades de Estágio Supervisionado. Nela podemos observar uma primeira foto que compõe as produções dos/as alunos/as; a segunda, de familiares e convidados/as no espaço expositivo como um todo; e, por fim, a foto dos prospectos que criamos para divulgação e apresentação da exposição.

Figura 10 – Exposição Andarilhando entre arte e tempo.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

183

Na ocasião, concordamos com Rosa Lavelberg (2013, p. 38), que as mostras e exposições dos trabalhos das crianças abrem espaços e oportunidades para documentá-los e valorizá-los, conforme reforçam para os sujeitos infantis que suas produções podem ser tomadas como um “bem precioso de suas construções”. A participação de pais, mães, irmãos/ãs e demais familiares e colegas das crianças na exposição que realizamos pode ser aproximada à concepção de Lavelberg (2013, p. 63) de que o “[...] trabalho de fidelização das famílias à educação em arte dos filhos é muito importante porque integra propósitos da casa e da escola em benefício do aluno”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “fazer-se” arte-educador/a e as habilidades que esse “fazer-se” requer têm sido pensados e problematizados por nós nessas experiências, e neste artigo, especificamente, importamo-nos com as especificidades da Arte Contemporânea aliadas ao processo de criação de recursos didáticos-brinquedos com estéticas de Hélio Leites.

Diante disso, pontuamos que a intencionalidade educativa que acompanhou os processos criativos durante a elaboração de recursos didáticos-brinquedos pode ser aliada à Arte Contemporânea. Compreendemos, ainda, que a mediação fundamentada nos Estudos da Cultura Visual permitiu a transdisciplinaridade e promoveu um diálogo entre outras áreas de conhecimento, neste caso, em específico, com a área sócio-ambiental. O uso dos (in)utensílios potencializou a reflexão sobre o reaproveitamento de materiais que antes passavam despercebidos aos olhares dos/as alunos/nas. Um dos impactos sociais que a intervenção oportunizou foi, assim, a conscientização das pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, em prol do aproveitamento desses recursos. Preocupamo-nos em evidenciar como é possível produzir materiais úteis com aquilo que, na maior parte das vezes, é considerado inútil.

Além disso, proporcionamos aos/às alunos/as o contato com características da Arte Contemporânea, bem como, a ampliação de seu desenvolvimento cognitivo e o estímulo à criatividade frente a materiais que, mesmo fazendo parte de seu cotidiano, não costumam receber tratamento artístico. Consideramos ainda, a importância de se trabalhar com alunos/as sobre a Arte produzida em nosso tempo, ou seja, a Arte Contemporânea, a fim de não reforçar concepções artísticas unicamente relacionadas ao passado, ao estrangeiro e ao erudito.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BORGES, Camila Bettim. Respingos, colagens, vozes, sensações. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa (Org). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017 (p. 65-73).

BORGES, Camila Bettim. Sensações, misturas e plasticidade: quando as crianças experimentam e descobrem a arte contemporânea. **Revista Apotheke**, v.5, n.3, ano 5, 2019. (p. 43-56) Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/APOTHEKE/article/view/16318/11116>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BORBA, Maria Salete; BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. Vanguardas e esgotamento: as tensões do moderno em dois artistas. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 19, n. 1, jun. 2014. (p. 188-206), ISSN 2175-7917. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2014v19n1p188>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 11. ago. 2020.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte contemporânea e educação infantil**: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In. CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1995 (p. 7-36).

DERDIK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: O desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

JOHELAVIVIUS, Geceoní Fátima Cantéli. **Poética do Inutensílio e Experiência: tramas de uma educação menor**. Curitiba, 2015.124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Teoria e Prática de Ensino, Universidade Federal do Paraná, 2015.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios críticos**. Campinas: UNICAMP, 2011.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para se pensar a educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, jan. /abr. 2008. (p. 112-188). Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/10.pdf>>. Acesso em 14. ago. 2020.

NUNES, Luciana Borre. **As Imagens que invadem as salas de aula**: reflexões sobre cultura visual. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

OLIVIERI, Cris; NATALE, Edson. (Org.). **Direito, arte e liberdade**. São Paulo: SESC, 2018.

PAULA, Regina R. R. de; BALISCEI, João Paulo. Recursos Didáticos-brinquedo: para brincar e aprender com arte na educação infantil. In: Seminário de Artes Visuais da UEM - SAVU, 2019, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá UEM, 2019. p. 169-181. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1qy8eiW5O60laYpYg9O2uPekvkBU1Gt2Q/view>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

PIRES, Rita de Cássia Baduy. **Pequenas grandezas**: miniaturas de Hélio Leites. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2010.

PESCH, Bruno Arnold. **O discurso artístico na composição artesanato-cultura em miniaturas de Hélio Leites, 2016**. 123p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

ROESLER, Anerose. A feira do Largo da Ordem: Um Evento Popular de Curitiba. In: II Fórum Internacional de Turismo em Iguaçu. **Anais...** Foz do iguaçu. Festival de Turismo das Cataratas do Iguaçu. (p.1-15). Disponível em: <<http://festivaldascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/1.-A-FEIRINHA-DO-LARGO-DA-ORDEM-UM-EVENTO-POPULAR-DE-CURITIBA.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

ROCHA, Thalia Medes. Tem Arte Contemporânea na escola contemporânea? Estudos da Cultura Visual e o Ensino de Arte na escola. 2020. **PIBIC** (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) – Linguística Letras e Artes/Ensino de Artes Visuais, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Paula Cristina Guidelli dos; SOUZA, Adalberto de Oliveira. As vanguardas europeias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira. In: CELLI – Colóquio de estudos linguísticos e literários. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, Universidade Estadual de Maringá UEM, 2009. p. 789-798. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/083.pdf>. Acesso em: 14. ago. 2020.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori; BAZILI, Fabiana Lopes. A Cultura Visual das Artes Visuais – uma pesquisa no ensino fundamental. **Revista Travessias**, Cascavel, v.7, n.1, p. 95 -110, 2013. (p. 95-110). Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/7657>>. Acesso em 14. ago. 2020.

Recebido em: 21/04/2020

Aceito em: 20/07/2020